



A Semana de Moda de Londres, conhecida por ditar tendências globais, deu um passo audacioso e necessário em sua edição mais recente: pela primeira vez, desfiles de roupas usadas foram incorporados à programação oficial. Essa mudança representa muito mais do que uma simples novidade ou uma excentricidade estética; trata-se de uma quebra de paradigma que ecoa as urgentes mudanças no enfrentamento da crise climática e no repensar do papel da moda no mundo contemporâneo. Não faria sentido continuarmos preocupados em mudar o guarda-roupa a cada estação enquanto incêndios e enchentes avassaladores causam sofrimento e destruição por toda parte.

A ideia de usar o palco de um dos eventos mais prestigiados da indústria da moda para promover a reutilização de peças que seriam consideradas descartáveis após algumas poucas utilizações toca diretamente no conceito de moda circular. A moda tradicional, calcada no modelo linear de produção, consumo e descarte, está com os dias contados.

Em um mundo cada vez mais pressionado pelas demandas ambientais e pelos limites dos recursos naturais, o setor da moda, que é um dos maiores poluidores globais, está sendo obrigado a se reinventar. E o desfile de roupas usadas em Londres é uma prova de que essa transformação já começou.

Dessa vez, entrou literalmente em cena um modelo em que o ciclo de vida de uma peça não termina com o consumo inicial. Em vez disso, a reutilização, o reaproveitamento de materiais e o prolongamento da vida útil das roupas tornam-se um movimento urgente para reduzir o impacto ambiental de uma indústria que contribui com aproximadamente 10% das emissões globais de carbono, além de desperdiçar milhões de toneladas de tecidos anualmente.

Desfilar roupas de segunda mão em uma passarela que costuma valorizar o inédito, o exclusivo e o luxuoso é mais que um ato de resistência e conscientização. É

A revolução da moda CIRCULAR

um recado claro para consumidores, designers e marcas: o futuro da moda não pode mais se sustentar na construção simbólica que confere valor e status ao consumo excessivo. A reutilização não é apenas uma tendência, mas uma necessidade ambiental. Além disso, o desfile reforça que peças usadas também podem e devem ser símbolos de estilo, criatividade e identidade pessoal, desconstruindo a lógica perversa de que o valor de uma roupa está apenas na sua novidade.

Estamos diante de uma geração de consumidores jovens que exige transparência e responsabilidade social por parte das marcas. Nos últimos anos, vimos uma explosão de iniciativas sustentáveis, desde coleções feitas de materiais reciclados até programas de logística reversa. No entanto, a inclusão de roupas usadas em um evento de moda de alto perfil é um passo que vai além do marketing ecológico: é um sinal de mudança real nas estruturas de poder e nas prioridades da indústria.

Com esse importante passo, a Semana de Moda de Londres não só coloca o tema da moda circular em evidência, mas também pressiona outras semanas de moda globais a seguirem o exemplo. Ao dar visibilidade a peças com histórias passadas, o evento sugere uma nova narrativa para o futuro da moda, uma narrativa que celebra a durabilidade, a responsabilidade e a beleza do reuso.

Essa foi a primeira vez que roupas usadas subiram à passarela na Semana de Moda de Londres. Trata-se de um marco histórico, não apenas para a indústria da moda, mas para o movimento global de sustentabilidade. É um símbolo de que a mudança está em andamento e de que as soluções para a crise climática passam, necessariamente, pela revisão dos nossos hábitos de consumo. A moda, com sua capacidade de influenciar comportamentos e tendências, tem a oportunidade e a responsabilidade de liderar essa transformação.

Que esse seja o primeiro de muitos desfiles a celebrar o passado das peças para garantir um futuro mais sustentável para todos.

